

# O DISCURSO INTOLERANTE RELIGIOSO E RACIAL NA POLÍTICA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA<sup>1</sup>

Juliana de Almeida Martins Goiz (UNISA)

**Resumo:** É socialmente denominado como intolerância o ato de depreciar uma pessoa em virtude de sua religião, etnia, orientação política, sexual, dentre outros. Há diversos discursos intolerantes; no entanto, para este estudo, selecionamos o discurso intolerante religioso e racial, que é caracterizado pela intolerância destinada, especificamente, ao negro não cristão. Nosso *corpus* científico é composto por um recorte verbal de um noticiário divulgado no ano de 2013 envolvendo afirmações de caráter intolerante religioso e racial do Deputado Federal Pr. Marco Feliciano, que, na época, presidia a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados no Brasil. Optamos por este recorte em virtude do seu reconhecimento social como discurso intolerante religioso e racial, da alta divulgação em diferentes veículos de imprensa e da contradição social existente entre exercer um cargo político que tem como objetivo representar as minorias sociais e emitir discursos intolerantes, concomitantemente. Este estudo tem como objetivo (i) analisar a construção narrativa dos discursos de intolerância religiosa e racial, (ii) apresentar o percurso das paixões neste tipo de discurso e (iii) reconhecer, bem como discernir, esta tipologia discursiva a fim de desconstruí-la. Para isso, fundamentamos nossos estudos na Teoria Semiótica Discursiva. A bibliografia que consistirá em analisar a formação dos valores do sujeito intolerante será a semiótica das paixões nos discursos de segregação e a análise do percurso gerativo de sentido em seus três patamares: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo. O arcabouço teórico adotado se baseia nos estudos de Barros (1990, 1995, 2005, 2008 e 2011); Fiorin (1988, 1992); Greimas (1970, 1976, 1983); Greimas e Fontanille (1993); Fontanille e Zilberberg (2001); Zilberberg (2006). Nossa hipótese inicial é que os discursos de intolerância religiosa e racial são, sobretudo, apaixonados e suas estruturas discursivas constituem um todo de sentido. A relevância

1 Título em inglês: The religious and racial intolerant speech in Brazilian politics: a semiotic analysis.

deste estudo está pautada na necessidade de se problematizar a intolerância religiosa e o racismo a fim de desmistificá-los.

**Palavras-chave:** Intolerância racial; Semiótica; Discurso; Valores; Paixão; Política.

**Abstract:** It is socially termed as intolerance the act of belittling a person because of their religion, ethnicity, orientation political, sexual, among others. There are several intolerant discourses; however, for this study, we selected the religious and racial intolerant discourse, which is characterized by the intolerance intended, more specifically, to non-christian black people. Our scientific corpus consists of a news report published in 2013 involving religious and racial intolerant statements of Congressman Pr. Marco Feliciano, who, at that time, was the president of the Commission on Human Rights and Minorities of the Chamber of Deputies in Brazil. This clipping has been chosen because of its social recognition as a intolerant speech, the high level of dissemination in different press and media vehicles, and the social contradiction existent between exercising a political office, which aims to represent the social minorities and issues intolerant speeches at the same time. This study aims to (i) analyze the narrative construction of religious and racial intolerant discourses, (ii) present the process of passions in this kind of discourse and (iii) recognize, as well as discern, this discursive typology in order to deconstruct it. In order to do that, we have based our studies in the Discursive Semiotic Theory. The bibliography that will consist of analyzing the formation of the values of the intolerant subject will be the semiotics of the passions in the discourses of segregation and the analysis of the generative path of meaning in its three levels: fundamental level, narrative level and discursive level. The theoretical framework to be used is based on the studies by Barros (1990, 1995, 2005, 2008, 2011); Fiorin (1988, 1992); Greimas (1970, 1976, 1983); Greimas e Fontanille (1993); Fontanille e Zilberberg (2001); Zilberberg (2006). Our initial hypothesis is that the religious and racial intolerant discourses are, above all, passionate and, their discursive structures constitute a whole of meaning. The relevance of this study is grounded on the need of problematizing the intolerance religious and racism in order to demystify it.

**Keywords:** Racial intolerance; Semiotics; Discourse; Values; Passion; Politics.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo o dicionário Houaiss, a intolerância se caracteriza por comportamentos, atitudes odiosas e agressivas, de caráter étnico, religioso, político, daqueles que têm diferentes opiniões, crenças, condutas, culturas e etnias. A história da humanidade é constituída com exemplos claros de intolerância: judeus perseguidos por egípcios, mulheres e escravos excluídos da democracia ateniense, segregação racial, cristãos perseguidos por romanos, protestantes perseguidos por católicos. A intolerância não é legado apenas da Antiguidade, Idade Média ou do passado como um todo, pois ainda convivemos com ela diariamente e podemos identificá-la através de diversos dispositivos, sendo um deles o discurso intolerante. Neste estudo, abordaremos o discurso intolerante religioso e racial, destinado ao negro não cristão, a fim de menosprezá-lo e reduzi-lo a figura indesejada.

O arcabouço teórico adotado para a análise da formação dos valores foram os estudos de Fontanille e Zilberberg (2001) e Fiorin (2011). Para a análise dos esquemas passionais dos discursos intolerantes, foram utilizados os estudos de Barros (1990), Greimas e Fontanille (1993) e para a análise do percurso gerativo de sentido no nível fundamental, narrativo

e discursivo, utilizamos os estudos de Barros (1995, 2005, e 2011), Fiorin (1988, 1992) e Greimas (1970).

Este estudo tem como objetivo (i) analisar a construção narrativa dos discursos de intolerância religiosa e racial, (ii) apresentar o percurso das paixões neste tipo de discurso e (iii) reconhecer, bem como discernir, esta tipologia discursiva a fim de desconstruí-la. Para isso, fundamentaremos nossos estudos na teoria semiótica discursiva.

Serão consideradas as seguintes bibliografias para analisar a construção de discursos intolerantes: a análise da formação dos valores do sujeito intolerante, os esquemas passionais que permeiam esta tipologia discursiva, a análise do plano do conteúdo, dividido em nível fundamental, narrativo e discursivo, sobretudo através dos esquemas de manipulação (a partir do estabelecimento de contrato entre o destinador e o destinatário) e sanção (através do julgamento do destinador sobre o fazer e o ser do sujeito) e a inclusão de figuras semânticas e temas, que apontam determinações ideológicas nos discursos intolerantes raciais.

Nosso *corpus* científico é composto por um recorte verbal de um noticiário divulgado no ano de 2013 envolvendo afirmações de caráter intolerante do Deputado Federal Pr. Marco Feliciano, que, na época,

presidia a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados no Brasil. Optamos por este recorte em virtude (i) do seu reconhecimento social como discurso intolerante, (ii) da alta divulgação em diferentes veículos de imprensa e (iii) da contradição social existente entre exercer um cargo político que tem como objetivo representar as minorias sociais e emitir discursos de caráter intolerante, concomitantemente.

Nossa hipótese inicial é que os discursos de intolerância estão, sobretudo, baseados no conceito de que os sujeitos teriam rompido determinados contratos sociais e são dotados de passionalidade, o que constitui um todo de significado comum a esta tipologia analisada.

A relevância deste estudo está pautada na nossa realidade histórica e social. As denúncias de intolerância religiosa na Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos cresceram 3.706% em cinco anos, segundo a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial<sup>2</sup>. Fomos um país escravocrata por 388 anos. Atualmente, as políticas de ações afirmativas têm sido amplamente discutidas, atores antes excluídos, neste caso, os negros, têm disputado ativamente lugares na sociedade, e o mito de democracia racial, sob o qual as diferentes etnias

---

2 Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/intolerancia-religiosa/textos/denuncias-de-intolerancia-religiosa-no-disque-100-crescem-3706-em-cinco-anos>. Acesso em 23.Nov.2016.

existentes no Brasil conviveriam pacificamente sem nenhum tipo de conflito racial, tem sido desmistificado.

Reconhecer um discurso intolerante religioso e racial, bem como discerni-lo é uma ferramenta necessária para auxiliar na (res)significação das relações étnico-raciais brasileiras, podendo contribuir com ideais de inclusão, diversidade e democracia.

Apresentados os objetivos, o *corpus* científico, a metodologia, arcabouço teórico, hipóteses iniciais e justificativas do nosso estudo, iniciaremos com uma apresentação do nosso *corpus* científico.

## **O DISCURSO INTOLERANTE RELIGIOSO E RACIAL NA POLÍTICA BRASILEIRA**

Delumeau (1989) afirma que “na história das sociedades, os medos vão mudando, mas o medo permanece”. Este sentimento é intrínseco à trajetória da humanidade, sendo movido por diferentes contextos histórico-sociais ao longo dos séculos; assim, podemos dizer que o medo é mutável, contudo, permanente.

Atualmente, convivemos com alguns medos característicos da pós-modernidade, de natureza socioeconômica, tais como o medo do desemprego, da pobreza, da crise econômica, da crise política, dos imigrantes, da diversidade, do multiculturalismo, da perda da identidade, dentre outros.

A crise política, permeada por escândalos de corrupção, colabora para que a sociedade se sinta isolada, desacreditada e abandonada por seus representantes. Este contexto composto por medos diversos e paixões de abandono é propício para o surgimento de demagogos com discursos fundamentalistas, que rejeitam a diversidade em defesa da homogeneidade ideológica, religiosa, racial, sexual, dentre outras.

No Brasil, a bancada evangélica conta com a representação de 76 parlamentares, de diversos partidos, na Câmara Federal. Estes representantes, em sua maioria, defendem projetos polêmicos e segregatícios, baseados em preceitos religiosos e conceitos fundamentalistas, o que é incompatível com a Constituição de 1988, que define o Estado como laico.

Um dos parlamentares da bancada evangélica é o Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano, que constantemente está envolvido em acusações de preconceito, e no ano de 2013 emitiu um discurso de caráter intolerante, que será objeto de nosso estudo, conforme descrição a seguir:

Texto 1:

Sobre os negros e africanos, Feliciano (PSC-SP) sustenta que são alvo de uma “maldição” e cita a Bíblia para se justificar:

Citando a Bíblia (...), africanos descendem de Cão (ou Cam), filho de Noé. E, como

cristãos, cremos em bênçãos e, portanto, não podemos ignorar as maldições”, declarou, em defesa protocolada no STF após denúncia da Procuradoria Geral da República.

Feliciano afirma que isso não representa racismo, mas um apego a suas crenças religiosas e, além disso, diz que “milhares de africanos” se “curaram” dessa “maldição” ao “se entregarem ao caminho de Deus”.

(Site de Notícias Terra, 06.abr.2013.<sup>3</sup>)

No texto apresentado, o Deputado Federal diz que os africanos/negros não cristãos, seriam amaldiçoados por serem descendentes de Cam, filho de Noé, que segundo o Cristianismo, teria desobedecido às ordens de Deus e visto a nudez de seu pai, razão pela qual fora amaldiçoado e identificado com uma mancha escura em sua pele (GENESIS, 9:20-27). Salientamos que, no ano de 2013, o Deputado Federal Pr. Marco Feliciano presidia a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados no Brasil, o que torna sua declaração além de criminosa, incoerente e perigosa diante do cargo por ele exercido. Desta forma, pretendemos com este estudo contribuir com a problematização da questão da intolerância religiosa e

---

3 Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/acusado-de-homofobia-e-racismo-feliciano-semeia-polemicas-no-congresso,2f8de89a54bdd310VgnCLD2000000ec6eb0ARCRD.html>. Acesso em 09.Abr.2016.

racial, demonstrando como a teoria semiótica discursiva pode contribuir de forma interdisciplinar na exploração deste assunto.

No próximo tópico, seguiremos com a apresentação dos valores de triagem e mistura e o esquema passional no discurso intolerante selecionado.

### **VALORES DE MISTURA, TRIAGEM E PERCURSO PASSIONAL DO DISCURSO INTOLERANTE RELIGIOSO E RACIAL**

Para estudar o discurso intolerante de forma significativa, se faz indispensável examinar a disposição dos valores edificados pelo discurso no nível fundamental e tensivo. Ancorados nas ideias de Fontanille e Zilberberg (2001), os valores da semiótica passaram a ser estudados de forma gradativa, ou seja, os valores passaram a ser entendidos como consequência da junção entre elementos qualitativos e quantitativos.

Desta forma, a intensidade e a extensidade são uma condição primeira para a articulação de valor. A articulação pode ocorrer de forma conversa ou inversa, de acordo com os operadores da mistura e da triagem, que estão presentes no eixo da extensidade, bem como dos operadores de tonicidade e atonicidade, que se fazem presentes no eixo da intensidade. A combinação desses dois eixos pode gerar

um regime participativo (a correlação conversa em que predomina a mistura) ou um regime exclusivo/de exclusão (a correlação inversa cujo predomínio é da triagem) (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p.26-27).

Os valores concebidos pela relação entre mistura e triagem e atonicidade e tonicidade são os seguintes:

**Tabela 1. Valores gerados pelo esquema tensivo.**

		Extensidade	
		Triagem	Mistura
Intensidade	Tônica	<i>Unidade/nulidade</i>	<i>Universalidade</i>
	Átona	<i>Totalidade</i>	<i>Diversidade</i>

(Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 33)

No texto em exame, identificamos um discurso que remete a uma seletividade, atuando sob o sistema de exclusão, segundo valores de triagem. Zilberberg (2006, p.14), afirma que “as operações de triagem configuram um valor de absoluto, que são valores voltados para a exclusividade e a unicidade”, ou seja, ao determinar cristãos e brancos como modelos ideais de indivíduos, o autor lhes agrega um valor de absoluto e unidade, eliminando assim, a diversidade como uma possibilidade viável.

A triagem realizada pelo Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano constitui uma extração de caráter qualitativo. O parlamentar se considera exclusivo, assim como seus iguais em crença e etnia, evidenciando que não pertence ao grupo de ‘negros/ africanos não cristãos’ e ‘amaldiçoados’, que ainda não ‘se

entregaram ao caminho de Deus'. Neste sentido, o autor faz uso de dogmas religiosos para excluir aqueles que não compartilham de suas crenças.

Apontamos ainda que a triagem constituinte do discurso de Feliciano é ampliada pela conexão feita pelo enunciador da notícia (a voz que emana do texto) no decorrer do enunciado. Esta ampliação do valor de triagem pode ser constatada através dos enunciados apontados no discurso que justificavam, repetidamente, através de preceitos bíblico-cristãos, as afirmações intolerantes, o que é significativo do ponto de vista da persuasão, em um país composto por mais de 85% de cristãos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2012.<sup>4</sup>

Desta forma, o enunciado se apresenta disposto sob uma tensão entre os valores de triagem, que são valores de absoluto e os valores de mistura, que são valores de universo (ZILBERBERG, 2006, p.18). Esclarecemos que, os valores de absoluto são *eufóricos*, ou seja, positivamente valorizados pelo actante, Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano, e podem ser também os valores defendidos pelo enunciador.

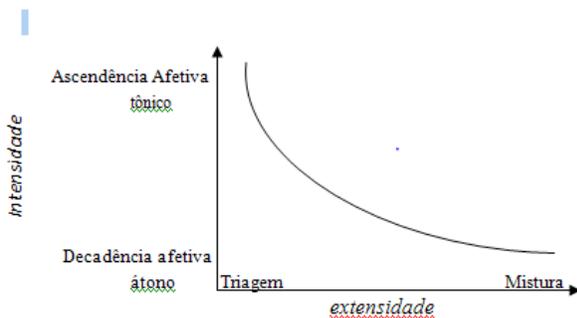
Os valores de triagem são os que recebem uma intensa carga afetiva. Assim, interpretadas a intensidade (sensível, estado de alma), em conjunção com o valor afetivo e a

---

4 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 17.Jun.2016.

extensidade (inteligível, estados de coisas), a quantidade de elementos elencados no conjunto, com base em Fontanille e Zilberberg (2001) podem ser expressos da seguinte forma:

Gráfico 1. Esquema tensivo com os valores e operações geradas pelo discurso intolerante estudado



Como a triagem implica a exclusão, através de uma correlação inversa, podemos identificar no discurso do Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano, o aumento de sua valência intensiva, proporcionalmente à diminuição da valência extensiva. Desta forma, o discurso do parlamentar se fundamenta em um valor de triagem, há nele quantidade elevada de carga afetiva e sua extensidade é mínima. Constituindo-se valores de absoluto, há uma maior concentração da carga afetiva. Com relação a isso, Fiorin (2011, p.32), nos explica que “quando se discursiviza a triagem da triagem, com vistas à pureza, afirma-se a superioridade da triagem sobre a mistura, preconizando os valores do absoluto, como fazem os discursos racistas [...]”. Com isso, depreendemos que o discurso do Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano é um discurso de segregação, de

caráter intolerante religioso e racista, que, com vistas à pureza religiosa e racial, invisibiliza e silencia o outro.

Greimas e Fontanille (1993) propuseram a organização passional segundo alguns parâmetros e, nesse sentido, desenvolveram um percurso gerativo da paixão que pode ser disposto de acordo com a seguinte sequência linear organizada, do individual ao social ou coletivo: constituição, disposição, sensibilização, emoção e moralização.

No texto em exame, o Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano afirma, baseado em preceitos bíblico-cristãos, que os africanos/negros não cristãos, seriam amaldiçoados, mas que milhares de africanos se curaram dessa maldição ao se entregarem ao caminho de Deus. A partir desta sentença, podemos identificar a intolerância racial e também religiosa.

Com base no esquema passional proposto por Greimas e Fontanille, podemos compor o percurso abaixo:

Disposição	Sensibilização	Emoção	Moralização
Sólido apego a suas crenças e valores. Aversão à diversidade.	Fase do medo (medo do estabelecimento de uma sociedade não branca e desvinculada do cristianismo).	Marginalização do outro através da segregação (rejeição ao racialmente diferente que não compartilha das mesmas orientações religiosas).	Sujeito intolerante, efetiva ação da paixão malevolente ou benevolente, em função do observador social.

**Tabela 2. Esquema passional do discurso intolerante**

De acordo com o percurso passional explicitado anteriormente depreendemos que as declarações do Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano podem ser caracterizadas como intolerância branda, uma vez que seu discurso não prevê a exclusão absoluta, nem tampouco a eliminação dos africanos/negros não cristãos. Podemos inferir que, neste discurso, ainda há o apego aos ideais de branqueamento da sociedade brasileira<sup>5</sup> e homogeneidade religiosa. Percebemos que o enunciador tem uma relação de apego às suas crenças e que seus posicionamentos têm se mostrado positivos para sua carreira como parlamentar, uma vez que está em seu segundo mandato como Deputado Federal, ou seja, seus discursos intolerantes atuam como ferramentas para angariar votos de seus iguais.

Nos discursos intolerantes, habitualmente identificamos dois tipos de paixões: as paixões malevolentes (ódio, raiva, nojo, dentre outros), que têm por objetivo prejudicar alguém que não cumpriu determinado acordo social, e as paixões benevolentes, como o amor aos iguais em cor, etnia, religião, ideologia, dentre outros.

---

5 O branqueamento da sociedade foi uma política eugenista adotada pelo governo brasileiro a partir do século XIX, na qual houve estímulo à imigração europeia para o Brasil (principalmente italianos e alemães), com o objetivo de *branquear* a população, uma vez que, na época, a população brasileira era majoritariamente negra e mestiça. Acreditava-se que os negros eram biologicamente inferiores, de forma que, para que o país progredisse, era necessário extinguir essa etnia do solo nacional, estimulando a vinda de europeus, tidos como modelo de raça superior, para, assim, promover o desenvolvimento da nação.

Nesta tipologia discursiva frequentemente observamos a paixão do medo de tudo que seja diferente e das consequências que este diferente pode causar. Segundo Barros (2011, p.5), os sujeitos intolerantes são sempre sujeitos apaixonados.

Desta forma, a malevolência se torna uma consequência do percurso das paixões. A paixão malevolente do racismo, por exemplo, tem como contrária a paixão benevolente do amor aos iguais em etnia. O sujeito de ódio ao diferente é também o sujeito de amor ao seu grupo étnico, aos de sua cor, língua, cultura, religião, dentre outros. Estas paixões contrárias, entre o querer fazer o mal, (paixão malevolente) e o querer fazer o bem, (paixão benevolente), é o que caracteriza um sujeito passional intolerante.

No texto em exame, as paixões podem ser diferentemente classificadas de acordo com o *observador social*, assim, o discurso proferido pelo Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano pode ser malevolente àqueles que não compartilham dos mesmos ideais que ele, e ao mesmo tempo, pode ser benevolente àqueles que compactuam com seu posicionamento intolerante. Inclusive, depreendemos que o discurso intolerante religioso e racial é benevolente ao Deputado Federal, uma vez que o parlamentar foi reeleito em 2014

para seu segundo mandato no Legislativo, o que sugere que seus eleitores aprovam seu posicionamento discriminatório.

Podemos verificar duas fases distintas do sujeito intolerante. A primeira se dá na formação do sujeito malevolente com relação ao diferente, aquele que não cumpriu o contrato social de homogeneidade religiosa e racial (negros não cristãos malditos), que põe em risco o processo de branqueamento da população e o monopólio da religião cristã, mais especificamente, o pentecostalismo.

Fiorin (1992, p.65), afirma que o medo é inerente à natureza humana, sendo necessário à sobrevivência da espécie. Segundo este mesmo autor, o ódio é uma paixão do crer. Em sequência, o pesquisador ainda determina dois tipos de medo distintos: o medo dissuasório, derivado da possibilidade de uma sanção negativa, levando assim o sujeito a agir de acordo com determinadas normas sociais e o medo não-dissuasório, de performance, tida como ameaçadora, sendo o medo das ações do outro, sobressaindo-se em situações de desigualdade social.

Esse medo do diferente quase sempre caracteriza o discurso intolerante religioso e racial. Nas narrativas, com discursos preconceituosos, o medo do diferente (de sua selvageria, barbarismo, dentre outros) e das perdas que ele

possivelmente poderia lhe causar (disputa com consequente perda de espaço na universidade, perda de trabalho, do monopólio religioso), promovem a construção de simulacros que têm como objetivo justificar seus posicionamentos.

“Os discursos intolerantes ocasionados pelo medo do diferente crescem em momentos de crise”, conforme nos aponta Barros (2011, p.12). Políticos e pessoas públicas fazem uso do medo da sociedade civil para justificar discursos de sectários, sejam eles relativos a pessoas com crenças diversas, negros, imigrantes, homossexuais e mulheres. Podemos exemplificar estas ações através dos discursos de parlamentares como do Deputado Federal Pr. Marco Feliciano (PSC), Jair Messias Bolsonaro (PP) e Luiz Carlos Heinze (PP), dentre outros que já divulgaram discursos intolerantes e através destes, passam a usufruir do medo da sociedade civil para angariar votos.

Com isso, concluímos que há paixões malevolentes e benevolentes presentes nos discursos intolerantes raciais, que podem variar de acordo com o observador social, bem como paixões de medo. Constatamos que discursos passionais são frequentes em momentos de crise, muito aproveitados por políticos a fim de angariar votos.

Depois de analisadas as construções de valores e os esquemas de paixões, proporemos a seguir, uma breve análise

do percurso gerativo de sentido de um discurso intolerante religioso e racial, para melhor explicar os conhecimentos oriundos da teoria semiótica discursiva.

## BREVES NOTAS SOBRE O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Segundo Barros (2005a, p.8), para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo de sentido. Desta forma, o estudo do percurso gerativo de sentido é realizado através da análise do nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo, conforme explicitaremos a seguir.

### NÍVEL FUNDAMENTAL

No nível das estruturas fundamentais, é necessário definir as oposições semânticas a partir das quais o sentido do texto é construído. No texto estudado, temos a maldição em oposição a bênção. Conforme representamos através do quadrado semiótico:

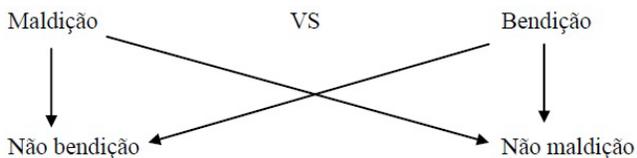


Gráfico 2: Quadrado semiótico

A oposição se manifesta de formas diversas no texto: *negros e africanos não cristãos são alvo de maldições, não*

*podemos ignorar maldições, se curaram da maldição ao se entregarem ao caminho de Deus.* Assim, verificamos que, no texto em análise, a bênção é eufórica, enquanto a maldição é disfórica.

O texto estudado tem, portanto, como conteúdo mínimo fundamental a afirmação da maldição disfórica, sentida como negativa através de: *negros e africanos não cristãos serem alvos de maldições* e a afirmação da bênção eufórica, através da **cura pela entrega ao caminho de Deus**. Apresentadas as estruturas fundamentais do texto em análise, prosseguimos para o nível narrativo.

### **NÍVEL NARRATIVO**

Segundo Barros (2005a, p.11), “no nível das estruturas narrativas, os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos graças à ação também de sujeitos”. Ou seja, não se trata mais de afirmar ou de negar conteúdos, de garantir a bênção e de recusar a maldição, mas de transformar, pela ação do sujeito, estados de maldição ou bênção.

O texto estudado é, assim, a história de um sujeito (negro/africano não cristão), manipulado por um outro sujeito (Deputado Federal Pr. Marco Feliciano) por tentação (salvação, cura espiritual), para que seja salvo. O sujeito

negro/africano não cristão nem sempre cumpre o contrato, para receber os valores que o podem tentar (cura e salvação). Caso aceite, é reconhecido como *curado* e recompensado com os valores de cura e salvação.

Ainda segundo Barros (2005a, p.20), *o programa narrativo* ou sintagma elementar da sintaxe narrativa define-se como um enunciado de fazer, que rege um enunciado de estado. Desta forma, se constroem diferentes programas narrativos.

No primeiro programa narrativo, o africano/negro que se converte ao cristianismo e recebe de *Deus* o objeto de valor salvação e cura (o sujeito do fazer é Deus; a transformação é a de curar, salvar; o sujeito de estado, que tem sua situação alterada, é o negro-africano convertido ao Cristianismo). É importante salientar que Deus é o sujeito de fazer implícito no texto e, por vezes, sua palavra é assumida pelo sujeito Pr. Marco Feliciano.

No segundo programa narrativo, Deus (sujeito de fazer) não dá a salvação (objeto de valor) ao africano-negro não cristão (sujeito de estado), porque este não se entrega ao caminho da salvação.

No primeiro programa narrativo temos um programa de aquisição, pois o sujeito de estado negro/africano convertido ao Cristianismo entra em conjunção com o objeto de valor

*cura/salvação*. Enquanto, no segundo programa ocorre um programa de privação, uma vez que o sujeito de estado negro/africano está em disjunção, ou seja, é privado de cura e salvação, conforme tabela a seguir:

<b>Natureza da função</b>	<b>Denominação</b>	<b>Exemplo</b>
Aquisição	Doação	1º Deus doa o objeto de valor ao africano/negro convertido ao Cristianismo
Privação	Espoliação	2º: Deus não dá o objeto de valor ao africano/negro porque ele não se 'entrega aos caminhos de Deus'

**Tabela 3: Relação entre as naturezas de funções**

No texto estudado, entregar-se ao caminho de Deus é um programa de uso necessário à consecução do programa de base de curar/salvar.

Segundo Barros (2005, p.25), os valores investidos no objeto podem ser modais, como o dever, o querer, o poder e o saber, que modalizam a relação do sujeito com os valores e os fazeres, ou descritivos. As narrações examinadas foram apresentadas como planos narrativos com valores descritivos, como salvação e cura. Muitas delas, porém, mostraram seu caráter modal: Deus leva o africano/negro não cristão a querer/fazer ou dever/fazer, ou seja, a dever

e querer se entregar ao caminho de Deus para adquirir os valores descritivos de salvação e cura.

Segundo Barros (2005a, p.26), um percurso narrativo é uma sequência de programas narrativos relacionados por pressuposição. Neste caso, o objeto, o sujeito do fazer e o sujeito de estado são designados como actantes sintáticos, os quais são restabelecidos no percurso narrativo, tomando alguns papéis actanciais. No percurso do sujeito do texto estudado, Deus cumpre alguns papéis actanciais, entre eles o de sujeito do poder/fazer, do querer/fazer e do saber/fazer (sujeito de estado em conjunção com o querer e o saber/fazer), aquele que quer curar seus filhos: milhares de africanos se curaram dessa maldição ao se entregarem ao caminho de Deus.

Contudo, cabe salientar que, além do percurso do sujeito, a organização narrativa conta também com o percurso do destinador-manipulador e o percurso do destinador-julgador.

No percurso do destinador-manipulador, encontramos duas etapas, sendo elas a atribuição de competência semântica e a de doação de competência modal. Durante a atribuição de competência semântica, é hipotética a doação de competência modal, sendo necessário que o destinatário-sujeito creia nos valores do destinador, para que assim, se deixe manipular por ele.

No texto estudado fica subentendido que nem sempre o sujeito africano está disposto a se converter ao cristianismo, abandonando, assim, suas supostas crenças tradicionais. Contudo, o destinador Deus oferece o valor de cura e salvação ao sujeito africano/negro não cristão. Se o africano/negro não cristão acreditar que é positivo se entregar aos caminhos de Deus, para assim conseguir o valor de cura/salvação, é que o sujeito africano/negro não cristão cederia à manipulação, isto é, passaria a querer ser salvo para poder deixar de ser maldito e passar a ser bendito, curado e, finalmente, salvo.

É durante a segunda etapa do percurso narrativo que ocorre a manipulação através da atribuição de competências modais; nesta fase, o destinador doa ao destinatário-sujeito os *valores modais* do *querer/fazer*, do *dever/fazer*, do *saber/fazer* e do *poder/fazer*. Durante a manipulação, o destinador propõe um contrato social e exerce a manipulação para convencer o destinatário a acatar esse contrato.

No texto estudado, o Deputado Federal Pr. Marco Feliciano propõe um contrato de valores positivos de salvação e cura para persuadir o africano/negro não cristão, podendo, assim, fazê-lo acreditar no atrativo desse contrato; desta forma, o sujeito interpreta a persuasão do Pr. Marco Feliciano, nela

crê e passa a querer/fazer o que lhe é solicitado para assim receber os valores contratuais. Segue abaixo esquema exemplificado do percurso explicitado:

Percurso do destinador-manipulador	Percurso do Sujeito	Percurso do destinador-julgador
Contrato proposto pelo Pr. Marco Feliciano aos africanos/negros não cristãos, para que se convertam ao caminho de Deus e assim sejam “curados” (manipulação por sedução ou intimidação).	O sujeito africano/negro não cristão, caso se converta, estará exercendo um bom cumprimento do contrato, executando a ação de se converter.	A sanção é positiva, pois a intenção do Pr. Marco Feliciano é realizada e os africanos/negros se convertem, recebendo assim, a recompensa da cura e salvação.

Tabela 4. Percurso do destinador-manipulador e do destinador-julgador

A manipulação do texto estudado se dá por meio da sedução, que também pode ser interpretada por intimidação, que nem sempre faz bem à imagem que os religiosos e parlamentares, como o Deputado Federal Pr. Marco Feliciano, querem que deles se faça.

Apresentada de forma detalhada a análise semiótica do plano do conteúdo no nível narrativo, sigamos com a análise do nível discursivo do discurso intolerante racial.

## NÍVEL DISCURSIVO

O nível discursivo é o último patamar de análise de percurso gerativo de sentido, e é nesta categoria que analisamos, de fato, como se constrói o discurso intolerante e como ele é enunciado, ou modalizado actancialmente.

Neste nível também está em questão como o texto se utiliza de categorias como tempo e espaço, como os elementos narrativos são concretizados e como os temas são figurativizados. (BARROS, 2003, p.193-194).

Todo enunciado tem em sua composição um sujeito da enunciação, ou seja, alguém que diz alguma coisa. Este sujeito da enunciação se desdobra em enunciador (aquele que fala) e enunciatário (a quem se fala), em um determinado espaço de tempo e espaço.

No texto em exame, temos como enunciador a voz que emana da notícia publicada, ou o *site* de notícias *Terra*, e como enunciatário os leitores a quem a matéria se destina. Por se tratar de um texto jornalístico, a forma como ele é escrito – usando a norma culta –, depreendemos que se trata de uma narrativa direcionada à população escolarizada, sendo este um recurso utilizado para alcançar a aceitação do discurso pelo enunciatário.

Em nosso *corpus*, identificamos a denominada *debreagem enunciva* (ele-alhures-então), uma vez que há a referência a uma terceira pessoa, Feliciano. Um outro lugar ou alhures, o STF (Supremo Tribunal Federal) e o tempo presente, observável pelos verbos sustenta, são, cita, afirma e representa.

O texto jornalístico, como o exemplo utilizado nesta pesquisa, prioriza a *debreagem enunciva*, fundamental para motivar o efeito de neutralidade, indispensável para dar credibilidade ao discurso.

No exemplo adotado, também há a utilização de *debreagens internas*, que constituem simulacros de diálogos para criar efeitos de credibilidade, estabelecendo, assim, um jogo de vozes. Desta forma, em nosso *corpus*, o enunciador projeta no texto a fala do Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano, actante do enunciado, interlocutor na narrativa contada, por meio do recurso do discurso direto. Essas falas são expressas no texto pelo emprego de aspas, através das quais simula reproduzir as palavras do actante do enunciado.

Essas marcas são subordinadas por uma intencionalidade implícita, revelando uma busca por adesão ao que foi dito e aos valores comunicados. Atua como um procedimento de persuasão, utilizado pelo enunciador, para fazer o

enunciatório crer nos valores disseminados no discurso. A projeção das falas, que assumem diversos posicionamentos diante dos fatos, aparenta a ausência de apreciação por parte de um enunciador, que transfere o julgamento da notícia para o enunciatório.

Contudo, para que este procedimento obtenha êxito, é necessário que as citações reproduzidas no discurso tenham credibilidade. No texto estudado, o sujeito que endossa a fala reproduzida é uma pessoa pública, Deputado Federal, que exerce a função de Pastor na denominação evangélica Ministério Tempo de Avivamento, ligada a igreja pentecostal Assembléia de Deus, maior entidade religiosa pentecostal do Brasil<sup>6</sup>, seus posicionamentos são valorizados por uma parcela da sociedade que compartilha de suas ideias, sejam elas pessoais, políticas ou religiosas.

Na relação de persuasão entre os sujeitos que representam as instâncias da enunciação e a interpretação do enunciado, estabelecem-se mecanismos argumentativos, que se fazem notar a partir da projeção actancial, temporal e espacial do sujeito da enunciação. Dentre os mecanismos argumentativos assimilados na sintaxe discursiva, observamos a utilização de algumas variações linguísticas,

---

6 Disponível em: [http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/em\\_resumo.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/em_resumo.html). Acesso em 20.Jun.2016.

tais como conteúdos implícitos ou explícitos, a ancoragem actancial, espacial e temporal, a qualificação do enunciador e do enunciatário, dentre outros.

Assim, no texto analisado, temos a ancoragem actancial e espacial explícita, uma vez que houve a indicação exata de pessoa e espaço referidos pelo discurso, expressos pelo enunciador, que permite a credibilidade dos fatos narrados. Ou seja, no exemplo adotado, há a alusão a Feliciano, que é Deputado Federal e Pastor, pessoa conhecida nacionalmente, inclusive por suas declarações de caráter intolerante religiosa, racista, fundamentalista, homofóbica, dentre outras. O actante também é identificado através da sigla de referência de seu partido político (PSC – Partido Social Cristão). Da mesma forma, há a referência ao STF (Supremo Tribunal Federal), órgão público também nacionalmente conhecido, situado em Brasília, capital federal do Brasil.

A utilização de relatos como exemplos, que ratificam as conclusões a que os textos remetem, acentuando determinados valores ideológicos, é um recurso argumentativo fundamental. No texto em exame, depreendemos que o discurso do Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano está em conformidade com a perspectiva do enunciador, sendo utilizada como recurso manipulativo para convencer os enunciatários.

Desta forma, a narrativa selecionada se trata de um discurso intolerante propriamente dito; contudo, a objetividade jornalística que implica neutralidade por parte da matéria, pode reforçar esta tipologia discursiva, uma vez que não faz uso de argumentos capazes de desconstruir a prática da intolerância.

No momento da debreagem interna, o enunciador optou por expor a justificativa do actante Feliciano, que faz uso de preceitos bíblicos para defender seu discurso intolerante, convocando, inclusive, seus iguais em crença a compartilhar de seus posicionamentos, através da sentença: “E, como cristãos, cremos em bênçãos e, portanto, não podemos ignorar as maldições”, o que poderia influenciar os enunciatários cristãos a aderir a esta apreciação, uma vez que vivemos em um país no qual um pouco mais de 85% da população, cerca de 166 milhões de pessoas, são cristãs, segundo dados do IBGE 2012, e a figura do Dep. Fed. Pr. Marco Feliciano exerce uma certa influência no imaginário social, haja vista que o mesmo foi reeleito para seu segundo mandato no ano de 2014 com mais de 390 mil votos, sendo o 3º deputado federal mais votado no Estado de São Paulo.<sup>7</sup>

---

7 Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2014/noticia/2014/10/reeleito-deputado-federal-pastor-feliciano-apoia-fidelix-e-critica-tiririca.html>. Acesso em 19.Jun.2016.

Este último olhar que destinaremos ao enunciado investiga o uso de temas e figuras, que são “enriquecimentos semânticos empregados para dar o acabamento estético almejado pelo enunciador” (BARROS, 2003, p.206). No texto em exame, desenrolam-se várias leituras temáticas, tais como o tema do racismo, teorias eugenistas<sup>8</sup>, tema da religião (Cristianismo) como única forma de salvação dos seres humanos; tema das leis acerca da intolerância racial ou religiosa; tema político, quanto à não laicidade do Estado, mediante parlamentar que justifica suas ações em preceitos religiosos.

Como figuras, identificamos o negro não cristão amaldiçoado, desprovido de religiosidade, condenado à marginalização em vida e na pós-morte através da ideia de condenação àqueles que não se entregam ao caminho do Deus cristão.

Construímos, assim, uma análise semiótica fundamentada nos conceitos principais desta teoria, o que nos permitiu explicitar as possibilidades positivas de utilização da teoria semiótica discursiva como ferramenta de análise de discursos intolerantes religiosos e raciais.

---

8 São os estudos de agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente. Algumas dessas teorias eugenistas foram justificadas através de preceitos religiosos e também científicos. De acordo com as teorias eugenistas, o negro é biologicamente inferior, enquanto o branco europeu é a raça superior, exemplo de sucesso e prosperidade mundiais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo realizado, podemos concluir que o discurso intolerante religioso e racial utilizado *como* corpus documental é, sobretudo, um discurso de sanção a sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais, ou seja, negros/africanos não cristãos. Com a organização narrativa, a intolerância no discurso estudado pode ser justificada.

Observamos que, nos discursos intolerantes raciais, comumente identificamos dois tipos de paixões, quais sejam, as paixões malevolentes e as paixões benevolentes, que variam de acordo com o observador social, bem como as paixões de medo, justiça e vingança. Verificamos que os discursos intolerantes raciais são muito comuns em períodos de crise, utilizados por políticos e partidos a fim de angariar votos dos sujeitos atingidos pela paixão do medo.

Foi possível concluir que dentro do discurso de intolerância, vários temas e figuras são abordados de acordo com a construção do diferente, sendo muito comum a desumanização do outro. Salientamos que, os discursos intolerantes raciais são, sobretudo, discursos apaixonados, ressentidos sob o ponto de vista da ruptura de contratos sociais pré-estabelecidos e comumente têm em sua estrutura temas e figuras semânticas.

A abordagem desta tipologia discursiva, em todos os níveis, é um trabalho relevante para nossa sociedade atual, que tem discutido amplamente a inclusão do negro em todas as instâncias sociais, pautada nos ideais de diversidade, justiça e democracia.

A luta contra o racismo é uma das prioridades de um país que viveu aproximadamente 400 anos de escravidão e ainda tem presente o mito da democracia racial, que permanece excluindo atores essenciais na construção da nossa sociedade. O discernimento de um discurso intolerante racial pode contribuir para a desmistificação desta conduta e para a construção de ideais de tolerância.

Almejamos que, em um futuro próximo, o racismo tenha sido desmistificado de forma que os discursos intolerantes raciais sejam uma realidade distante da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. (1990). *Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos*. *Cruzeiro Semiótico*, 11/12. p.60-63.

\_\_\_\_\_. (1995). *Preconceito e separatismo no discurso: um discurso separatista gaúcho*. *Organon*, 23. p.199-204.

\_\_\_\_\_. (2005a). *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática.

\_\_\_\_\_. (2005b). *O discurso intolerante: primeiras reflexões*. São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2008<sup>a</sup>). "Preconceito e intolerância em gramática do português". In: BARROS, D. L. P. de; J. L. Fiorin (Orgs.). *A fabricação dos*

*sentidos* – Estudos em homenagem a Izidoro Blikstein. Vol.1. São Paulo: Ed. Humanitas, Vol.1. p.339-363.

\_\_\_\_\_ (2008b). *A identidade intolerante no discurso separatista*. Filologia e Lingüística Portuguesa, Vol.9. p.147-167.

\_\_\_\_\_ (2008c). *Discurso, indivíduo e sociedade: preconceito e intolerância em relação à linguagem*. O discurso nos domínios da linguagem e da história. Vol.1. São Carlos – SP: Ed. Claraluz.

\_\_\_\_\_ (2011). *A construção discursiva dos discursos intolerantes*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

DELUMEAU, Jean (1989). *A história do medo no Ocidente 1300 – 1800: Uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras.

FIORIN, José Luiz (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_ (1992). *Algumas considerações sobre o medo e a vergonha*. Cruzeiro Semiótico, n.16. p.55-63.

\_\_\_\_\_ (1999). *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_ (2011). *Semiótica e história*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo. n.42. Rio de Janeiro. p.15-34.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude (2001). *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso/Humanitas.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques (1993). *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.

ZILBERBERG, Claude (2004). “As condições semióticas da mestiçagem”. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; Kati Eliana Aetano (Orgs.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. (Trad. Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit.) São Paulo: Annablume.

\_\_\_\_\_ (2006). *Síntese da gramática tensiva*. Significação – Revista Brasileira de Semiótica, n.25. São Paulo: Annablume.

\_\_\_\_\_ (2007). *Louvando o acontecimento*. Galáxia, 13, edição de Junho. p.3-28.

**Juliana de Almeida Martins Goiz** é discente do Programa de Mestrado Interdisciplinar da Universidade de Santo Amaro - UNISA. Possui graduação em História pela Unisa Universidade de Santo Amaro (2014) e Pedagogia pelas Faculdades Associadas Brasil (2015). Atualmente é Docente de cargo efetivo em Ensino Fundamental II e Médio na Secretaria Estadual de Educação - Governo do Estado de São Paulo e professora de Educação Infantil, na Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura do Município de São Paulo. Tem experiência na área de História, Geografia e Filosofia, com ênfase em História Geral e Ciências Humanas, bem como Pedagoga, atuando como Docente em Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Busco, na prática educacional, trabalhar com a promoção humana e interdisciplinaridade de conteúdos.

*Recebido em 05 de setembro de 2016.*

*Aprovado em 20 de outubro de 2016.*